

Conversando com Maria Elizabeth Mori

Ana Cláudia (SBPRP): Estamos hoje com nossa colega Maria Elizabeth Mori, muito conhecida como Beth Mori, psicóloga, mestre e doutoranda em psicologia clínica e cultura pela UnB,^[1] membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília,^[2] coordenadora da equipe de curadoria do *Observatório Psicanalítico*,^[3] da Febrapsi^[4] – que, inclusive, foi premiado pela IPA^[5] no World Community, no 53º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Cartagena das Índias (Colômbia), em julho de 2023, na área de cultura – e, por fim, coordenadora do podcast *Mirante*. Eu sou Ana Cláudia Gonçalves Ribeiro de Almeida, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto^[6] e editora da revista *Berggasse 19*. Nós estamos muito felizes, comemorando junto com a Beth Mori mais de 500 ensaios no OP, o que nos deu um ótimo motivo para ter uma boa conversa com ela no nosso “Conversando com” deste número. Chegamos a você e seu trabalho através do *Observatório*. Você é curadora do OP desde 2017 e coordena a equipe responsável pela curadoria. Observamos que a equipe está atenta ao que é mais atual, articulando vértices de profissionais de áreas diferentes em torno de temas comuns. Como nasceu essa ideia? De onde ela veio? Hoje o vemos pronto e premiado, mas como foi a idealização, a formação e a constituição do OP?

Beth Mori: Primeiramente eu quero agradecer o convite da Ana Cláudia, da Alessandra e da Silvana. Eu coordeno a equipe há aproximadamente cinco anos.

1. Universidade de Brasília.

2. SPBsb.

3. OP.

4. Federação Brasileira de Psicanálise.

5. International Psychoanalytical Association.

6. SBPRP.

Antes a coordenadora era a Cíntia Xavier de Albuquerque^[7] – colega aqui de Brasília e grande amiga –, Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi na gestão 2016-2017, cujo presidente era o Daniel Delouya.^[8] Essa diretoria foi criada em 2016. Na época, existia um grupo de “responsabilidade social”, composto por vários colegas, cujas ações foram incorporadas por essa diretoria.

No ano de 2016 ocorreram dois eventos importantes que contribuíram para a criação do OP em 2017. O primeiro acontecimento se deu na macropolítica brasileira: o impeachment de Dilma Rousseff em agosto de 2016. E o segundo, internamente em nossas instituições psicanalíticas: o Congresso da Fepal.^[9] Como sabemos, foram vários os problemas que contribuíram para esse golpe na democracia de nosso país, dentre os quais o fato de nossa ex-presidente ser mulher e não ter se submetido ao modo instituído heteronormativo hierárquico-patriarcal de se fazer política no Parlamento brasileiro. Sobre o detalhamento desse momento e como o OP foi criado, indico dois artigos que escrevi: “A clínica psicanalítica: uma prática política”,^[10] publicado pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, e “Observatório Psicanalítico Febrapsi: atravessando fronteiras”,^[11] pela *Revista Calibán*. No primeiro artigo eu analiso o contexto político que levou à interrupção do governo da primeira mulher presidenta do Brasil, eleita democraticamente em outubro de 2014 com uma margem pequena de diferença em relação a seu concorrente, Aécio Neves, que, no dia seguinte a sua derrota, fez um pronunciamento da tribuna do Senado, quando declarou sua insatisfação com o resultado das urnas e deixou claro que faria todo movimento político necessário para impedi-la de governar.

É importante também ressaltar que Dilma criou em 2012 a Comissão Nacional da Verdade, fruto de uma longa luta dos familiares de mortos e desaparecidos políticos pelo Estado brasileiro para apurar as violações dos direitos humanos cometidas de 1946 a 1988, período que incluiu a ditadura militar, ocorrida entre 1964 e 1985. Em dezembro de 2014, os trabalhos da Comissão foram encerrados com a entrega do relatório final, quando se concluiu a existência de uma política estatal no país contra a população civil, com práticas de detenções ilegais e arbitrárias, tortura, violência sexual, execuções, desaparecimentos forçados e ocultação de cadáver, caracterizando-se como crime contra a humanidade. O Brasil, diferentemente de outros países da América Latina, havia anistiado os responsáveis.

Penso ser importante situar toda a dificuldade de sustentação do governo de Dilma nesse período de 2014-2016 e o sofrimento sociopolítico produzido em grande parte da população brasileira que a elegeu e que compareceu em nossa clínica

7. Membro titular da SPBsb.

8. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Foi presidente da Febrapsi entre 2015 e 2017.

9. Federação Psicanalítica da América Latina.

10. Disponível em <https://bit.ly/46KiADv>

11. Disponível em <https://bit.ly/3A8KGfj>

psicanalítica. Eu moro em Brasília, capital do país, onde se respira a política federal cotidianamente. Temos pacientes que ocupam cargos em todas as esferas do governo e, por isso, o dia a dia e os problemas vividos no mundo da política comparecem em nossos consultórios. Não é à toa, portanto, que o *Observatório* tenha nascido por aqui. Já percebíamos essa dimensão do sofrimento, que a Miriam Debieux Rosa^[12] cita como uma “dimensão sociopolítica do sofrimento”. Sabemos que o trauma, advindo de um acontecimento externo, foi uma questão para Freud, que pensou a realidade material e a realidade psíquica. E foram as sequelas dos pacientes que participaram da Primeira Guerra Mundial que evidenciaram para ele, em 1919, a importância dos acontecimentos externos no traumático. Bem, no ano de 2016, nós, brasileiros, estávamos vivendo um momento acentuado de fragmentação na política brasileira, com forte apoio popular. Lembro agora que também escrevi um ensaio para o *Psychoanalysis Today* sobre essa polarização, “A esplanada dividida: um pesadelo da cidadania”,^[13] que de certa maneira ainda vivemos no país.

Institucionalmente, nós psicanalistas estávamos vivendo também o Congresso da Fepal, realizado em setembro de 2016, em Cartagena das Índias. É incrível a coincidência: foi nessa cidade que o OP nasceu e foi nela que o trabalho realizado pelo OP foi reconhecido e premiado pela IPA. Bem, nesse Congresso participei de uma mesa intitulada “Memória, Verdade e Psicanálise”, com colegas de vários países da América do Sul. Para falar do tema, todos os participantes trouxeram os momentos autoritários e antidemocráticos que ocorreram em seus países, a forma como lidaram com o processo de retomada da democracia, com a punição dos responsáveis pelos crimes cometidos: prisões, desaparecimentos, mortes, enfim, toda violência estatal que ocorreu nessas ditaduras. Essa mesa nos mobilizou a todos: apresentadores e plateia. Após esse evento, frequentando as salas do Congresso e dos encontros informais nos intervalos, percebi que o golpe antidemocrático que vivíamos no Brasil não era comentado. Havia um silêncio de doer os ouvidos. Todos falavam de seus consultórios, da clínica do adolescente, da infância, do adulto, mas sempre numa perspectiva do sofrimento intrapsíquico, questões edípicas, dificuldades de lidar com a castração e outras questões psicanalíticas, porém sem articulação com a vida lá fora e com nossos consultórios. Isso me chamou muito a atenção e fiquei me perguntando “o que pensavam meus colegas sobre esses acontecimentos da política brasileira”.

Bem, eu estava com isso na mente quando encontrei com Cíntia no restaurante do congresso. Na conversa compartilhei com ela essa minha percepção e lhe sugeri a criação de um “observatório psicanalítico”, ou seja, a Diretoria de Comunidade e Cultura poderia criar um dispositivo que agenciasse um movimento de colegas interessados na articulação da psicanálise com a política, com a cultura brasileira, um espaço institucional para acolher o olhar psicanalítico, por meio da escrita de ensaios, sobre os

12. Professora titular do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

13. Disponível em <https://bit.ly/4fEDhVo>

acontecimentos que nos atravessam cotidianamente, as questões sociais, políticas, culturais e, inclusive, de nossas instituições psicanalíticas. Nasce desse jeito o *Observatório*. Foi “um pensamento em busca do pensador”, como diria Bion, um pensamento que me ocorreu ali naquele encontro com Cíntia, que percebeu sentido na proposta.

Então, eu diria a vocês que eu estava ali no momento certo e na hora certa ao lado da Cíntia, que estava estruturando sua Diretoria. Na volta a Brasília, ela convidou a mim e ao Carlos César Marques Frauzino,^[14] outro colega de Brasília, e juntos modulamos o *Observatório Psicanalítico*, como ele seria e funcionaria, com a criação simultânea de outro dispositivo de cogestão: o grupo de e-mails do OP. Cíntia aprovou nossa proposta na Diretoria, que acolheu a ideia. Começamos em abril de 2017 com a publicação do primeiro ensaio, do colega Roosevelt Cassorla,^[15] “Barbárie, terrorismo e paranoia: excertos”.^[16]

Quando conto esta história, do nascimento do OP, eu costumo citar o filósofo espanhol Ortega y Gasset, que escreveu: “Eu sou eu e as minhas circunstâncias. Se eu não salvo a elas [circunstâncias], não salvo a mim”. Eu acho isso muito psicanalítico. Somos seres sociais. Nossa subjetividade é produzida na relação com o outro.

Qual era a circunstância? Estava nascendo uma nova diretoria na Febrapsi, voltada para pensar a comunidade e a cultura em que a nossa psicanálise está situada. E existia no Brasil um medo do retorno de uma ditadura com o golpe contra a Dilma, ou seja, havia toda uma conjuntura política para isso acontecer e eu era uma das pessoas que partilhavam desse medo. Eu me reunia frequentemente com colegas psicanalistas de Brasília (não somente da minha sociedade) e até iniciamos o atendimento psicanalítico que nomeamos de “Psicanálise na Rua”, uma escuta em um espaço público da cidade – na Rodoviária Central de Brasília. E nesse trabalho foi possível ouvir quanto os problemas políticos e sociais estavam adoecendo as pessoas.

Enfim, como podem ver, ocorreu um pensamento e havia toda uma circunstância propícia para que a ideia de um “observatório psicanalítico” fosse gestada. E a recepção, a aceitação dos colegas da Febrapsi, foi tão grande que só reforça o que eu disse: o OP é um acontecimento na psicanálise brasileira! Sua criação foi “um pensamento em busca de um pensador”.

Ana Cláudia (SBPRP): É muito importante essa contextualização, porque, quando vamos apresentar o OP, é comum que perguntem o que ele é. Seguindo o que estava falando, você diz que poderia ter sido qualquer um de nós a captar esse pensamento sem pensador, mas foi você quem o captou. Eu queria saber o que você pensa sobre isso. Acompanhamos o que você pesquisou, sabemos que você tem um percurso de formação acadêmica, de interesse nesses temas, nesse seu caminho profissional. O que você acha que te levou ao OP, a estar

14. Membro associado da SPBsb.

15. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas.

16. Disponível em <https://bit.ly/3A9NBEz>

propícia a captar esse pensamento? E hoje, depois de mais de 500 ensaios, o que ainda te mantém, ainda te leva ao OP? E o que ele trouxe para você no seu caminho pessoal e profissional? Ou seja, como você chegou nele, o que te leva a ele e o que ele te traz?

Beth Mori: Eu penso que Freud foi genial e um revolucionário no pensamento ocidental, no sentido de pensar sobre o psiquismo com as questões da psicosexualidade, o inconsciente, a pulsão, o fenômeno da transferência, pois sabemos que até então a filosofia não pensava no corpo, e as ideias estavam relacionadas à consciência e à razão. E eu acho que uma das coisas mais geniais que ele pensou foi a sexualidade infantil, polimorfa, perversa, e o quanto o nosso desenvolvimento está relacionado às nossas reminiscências. Nesse sentido, sim, eu tenho a minha trajetória pessoal que contribuiu para eu ter tido essa ideia, que obviamente não veio do nada.

Eu nasci em Botucatu (SP), mas ainda bebê meus pais foram para São Paulo capital. Um acontecimento familiar marcou minha experiência infantil no âmbito da saúde mental. Uma tia, que morava com meus pais, levou-me em uma de suas visitas à sua mãe, internada em um hospício. Não me recordo o nome do hospital psiquiátrico. Mas lembro que a “loucura” se colocou muito cedo para mim, inquietando-me. Daí meu interesse pela psicologia.

Outros acontecimentos que marcaram minha infância, já morando em Brasília, ocorreram no âmbito político: o assassinato de John Kennedy, em 1963, e o golpe de 1964, quando já residia aqui. A cena da morte a tiro do presidente dos Estados Unidos, que tombou nos ombros da sua esposa, e o exílio do presidente brasileiro João Goulart, deposto por militares num golpe de Estado, chamaram minha atenção para a vida política. Brasília é uma cidade distante, não só geograficamente, mas também dos grandes centros urbanos do país na época, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde ocorria toda a vida cultural e política do país. Então as notícias demoravam para chegar por aqui, mesmo sendo capital do país. Lembro-me do impacto visual quando cheguei na “Praça dos Três Poderes”. Aquele enorme gramado num espaço público encantou-me profundamente. Assim, a Praça, com seus palácios, e tudo que acontecia nela sempre despertaram em mim uma enorme curiosidade sobre o trabalho da política governamental (Executivo, Legislativo e Judiciário). Bem, penso que fui muito marcada por esse acontecimento estético.

Na Universidade de Brasília, cursando psicologia, interessei-me pelo movimento estudantil. Na época, os estudantes do país foram às ruas pelo fim da ditadura, que estava recrudescendo a cada dia, com todas as atrocidades praticadas pelos militares. Numa das prisões, eu e muitos amigos universitários fomos presos. Mas dei sorte. Muitos desses que foram levados à prisão eram filhos de ministros, senadores, deputados, então, obviamente, todos fomos soltos. Assim, eu não vivi a tragédia de muitos outros estudantes, nos anos mais difíceis da ditadura no país, que sofreram a tortura nas prisões e foram mortos pelas mãos dos militares.

Cabe ressaltar também que a UnB foi criada pelos educadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, em 1961, e sua estrutura e a composição dos cursos eram extremamente interessantes. Além das disciplinas obrigatórias do curso em que se estava matriculado, no meu caso o de psicologia, a grade curricular era composta também por disciplinas optativas de outras áreas do conhecimento. Assim, cursávamos cursos de outros departamentos – história, filosofia, ciências sociais, políticas etc. Tive uma formação multidisciplinar na psicologia. Por isso o meu interesse pela articulação da psicologia com outros campos do saber. Como psicóloga atuei em vários campos: em todas as áreas de recursos humanos como concursada do Banco do Brasil; o meu mestrado sobre a clínica ampliada, com a dissertação *A vida ouvida: a escuta psicológica e a saúde da mulher da meia-idade*, levou-me a atuar como consultora da Política Nacional de Humanização, do Ministério da Saúde, em 2003, no primeiro governo Lula. Nesse trabalho interdisciplinar atuei com excelentes profissionais da saúde coletiva – médicos, enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais etc. – na formulação e implementação de políticas públicas de saúde.

Apesar de meu interesse por psicanálise ter ocorrido ainda na graduação, minha primeira especialização clínica foi em gestalt-terapia, devido à facilidade do acesso. A formação em psicanálise na SPBsb se deu nesse processo. É importante enfatizar que a psicanálise, no curso de psicologia, foi a abordagem teórico-clínica que sempre me interessou. Fiz uma especialização na UnB, além de ter participado de grupos de estudo e feito análise pessoal, antes de iniciar essa formação. Um texto freudiano que marcou minha graduação foi “A psicopatologia da vida cotidiana”, quando compreendi como ocorriam e o que se passava psiquicamente com os atos falhos, enganos e erros, além dos textos sociais do Freud. Como foi fascinante ler “O futuro de uma ilusão” e compreender como a religião foi uma criação do desamparo humano; e, em “Psicologia das massas e análise do Eu”, entender a identificação e o estabelecimento dos grupos e seus líderes, para citar apenas alguns exemplos.

Por tudo isso, minha resposta é afirmativa para a pergunta que você me fez. Tudo isso me influenciou: minhas trajetórias pessoal e profissional me levaram ao OP. Minha experiência de vida me faz chegar nessa ideia do *Observatório Psicanalítico*, de uma psicanálise engajada e implicada com a vida na pólis.

Sobre sua outra pergunta, “o que o OP fez e traz ainda hoje para mim”, é uma experiência de troca. Se, por um lado, no trabalho de curadoria eu invisto toda essa libido, todo esse meu interesse pela articulação da psicanálise com a cultura, o OP me alimenta pelos saberes dos colegas e de outros entrevistados de outros campos do conhecimento no podcast *Mirante*, e também pela grupalidade que tecemos nesses últimos sete anos. Hoje somos mais de 650 psicanalistas da Febrapsi participantes do grupo de e-mails do OP. Nesse grupo publicamos os ensaios e as postagens do *Mirante* e comentamos, discutimos também, sobre os assuntos que nos interessam em nossa vida institucional. Crescemos muito. E abrimos espaço também para colegas da América Latina. Hoje são vários colegas de outras sociedades da Fepal que

participam conosco desse grupo interessado em pensar as questões sociopolíticas, culturais e institucionais que nos atravessam no Brasil e no mundo. Essa enorme quantidade de colegas interessados em pensar juntos nossa época é a demonstração de que a ideia do OP foi de fato um pensamento em busca de um pensador.

E nós, como editoras, passamos a trabalhar como curadoras do OP. Nesse sentido, ampliamos nossa atuação profissional, de editoras de ensaios psicanalíticos para curadoras da publicação desses textos e da programação do *Mirante*, em episódios e temporadas. Ou seja, passamos a nos preocupar com a composição dessas “obras” como são pensadas as obras nos museus e nas galerias de arte. Convidamos colegas para alguns textos, enquanto outros textos nos chegam espontaneamente. E, assim, hoje já estamos com mais de 500 ensaios postados e 36 episódios de podcast, desde a criação do *Mirante* em março de 2022. Assim, o OP fez uma enorme intervenção em nós, participantes ativos, porque deixamos de ser somente psicanalistas vinculados à nossa sociedade de origem, onde realizamos nossa formação, e passamos a ser psicanalistas da Febrapsi de fato! Hoje nos relacionamos com colegas de todo o Brasil. No meu caso, em particular, tenho me interessado em pensar teoricamente os movimentos grupais do *Observatório*. Esse é meu objeto de estudo do doutorado.

Vejo o OP como uma obra aberta, um organismo vivo. Vejam bem, não ficou na primeira formulação de sete anos atrás. Nesse tempo, várias colegas fizeram parte da equipe de curadoria, e hoje o grupo atual é composto por mais sete colegas – Ana Valeska Maia,^[17] Gabriela Seben,^[18] Giuliana Chiapin,^[19] Gizela Turkiewicz,^[20] Helena Cunha Di Ciero,^[21] Lina Schlachter^[22] e Vanessa Corrêa^[23] – psicanalistas mulheres interessantíssimas, curiosas, criativas e capazes no processo de elaboração da escrita. Essa potência tem se expressado em novos caminhos. A curadoria continua “inventando moda”. Além do podcast *Mirante*, criamos o editorial “Sódepois” no fim de cada mês, um momento em que a curadoria se expressa, comenta os textos publicados, mas também ressalta acontecimentos e assuntos do mês que não ganharam ensaios. Dessa forma o OP se expande, participando até de mesas em nossos congressos, tanto no brasileiro quanto na Fepal, quando conversamos com colegas de outros países da América Latina. Nossa mesa estará presente no próximo congresso do Rio, e aproveito para convidar a todos para participar da conversa “Os caminhos da psicanálise pelas veias da América Latina em tempos de fanatismo e intolerância”.

Pessoalmente, senti necessidade de estudar mais e mais os pensadores contemporâneos: Derrida, Deleuze, Guattari, Donna Haraway, Judith Butler, Paul B. Preciado

17. Membro da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR).

18. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

19. Membro da SBPdePA.

20. Membro da SBPSP.

21. Membro da SBPSP.

22. Membro da SPFOR.

23. Membro da SBPSP.

e outros tantos filósofos que nos ajudam a pensar sobre nossa época atual. Somos psicanalistas situados no nosso tempo. Ganhei muito com o *Observatório*: ganhei amigos, ganhei um grupo, ganhei conhecimentos ao estudar cada texto escrito pelos colegas, aprendi mais sobre o funcionamento de nossa vida institucional, a pensar sobre como conduzimos nossa formação. Então acho que é um trabalho de mão dupla. Trabalhamos muito na curadoria, sem nem um dia de descanso. Hoje mesmo, sábado, estava trabalhando um pouco antes de começar a conversar com vocês.

É muita coisa, não é?

Silvana Andrade (SBPRP): Eu quero pegar o gancho da sua resposta, mas, antes, me apresento: sou Silvana Andrade, membro associado da SBPRP e membro do Conselho Editorial da *Berggasse 19*. Percebemos que o OP foi uma inovação na psicanálise brasileira, pois engajou os psicanalistas na análise dos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais da sociedade brasileira e do mundo, considerando a escrita como uma intervenção que auxilia na elaboração coletiva dos acontecimentos. O OP retirou a psicanálise de uma prática clínica, do interior da sala de análise, e estendeu-a para o mundo e para os acontecimentos sociopolíticos. É uma estratégia de intervenção pública, na dimensão sociopolítica do sofrimento. É uma inovação. Todo processo de inovação é trabalhoso, como você disse, e é caro. Como é que os colegas psicanalistas reagiram a essa tendência, como foi esse percurso do OP?

Beth Mori: Eu agradeço muito sua pergunta, porque tenho a oportunidade de acrescentar mais algumas coisas. Primeiro, você situa a psicanálise da Febrapsi dentro da psicanálise brasileira, dentro do Brasil, e é fantástico o que você fez, pensando o OP, como um agenciamento da Febrapsi, dentro da psicanálise brasileira. Penso que nossa instituição maior e até as sociedades a que pertencemos têm uma dívida com a psicanálise brasileira e, com o OP, nós estamos elaborando e pagando essa dívida. Aqui volto a me referir à ditadura de 1964, quando pouco nos manifestamos contra tudo que estava ocorrendo. Todos sabem que tivemos um membro em formação que era médico no DOI-Codi.^[24] O livro *Não conte a ninguém...*, da psicanalista carioca Helena Viana, relata essa história. Nossa federação se calou diante desse fato. Ela (e outros colegas) falou que havia entre nós um envolvimento indireto ou até direto com a ditadura. Toda essa história está contada no livro. A Febrapsi ficou muito malvista na psicanálise brasileira, assim como a psicanálise da IPA, que não se envolvia com as questões políticas, sociais e grupais.

É muito interessante, Silvana: você me fez lembrar de uma tese de doutorado apresentada no Instituto de Psicologia da USP, escrita por Fernando da Silveira, com o título *Ouro, cobre e chumbo: a psicanálise, o grupo e o movimento analítico brasileiro em*

24. Destacamento de Operações de Informações no Centro de Operações de Defesa Interna.

tempos de ditadura,^[25] de 2016, sobre o papel que as alianças inconscientes desempenham na institucionalização da psicanálise brasileira. O autor faz uma análise da redução dos artigos sobre trabalho grupal publicados pela *Revista Brasileira de Psicanálise* durante o período de 1964 a 1970, principalmente no recrudescimento da ditadura em nosso país. Houve uma queda na produção de artigos sobre psicoterapias com grupos e um aumento de estudos sobre o trabalho individual. Sou de uma geração que se beneficiou das terapias grupais, com base analítica e outras abordagens. O que ocorreu? Sabemos que os regimes de exceção agem contra a constituição de processos e movimentos grupais. A formação, portanto, voltou-se unicamente para a psicoterapia individual. Vejam o impacto da falta de uma democracia em nossos processos vitais.

Penso que o *Observatório* está nos dando a oportunidade, nesse tempo de sua existência, pela grupalização que formamos, de reparar nosso passado de silêncio, de ausência de participação pública e distanciamento dos problemas sociopolíticos, culturais e institucionais do país e do mundo. Nesses sete anos do OP, principalmente nos anos de 2017 a 2022, quando vivemos intensamente as consequências do golpe contra Dilma e dos governos de Temer e Bolsonaro, os colegas escreveram inúmeros ensaios que categorizamos como Política e Sociedade; a Febrapsi se posicionou com a publicação de cartas abertas à população, manifestações essas em defesa da democracia, contra o racismo e a violência às minorias, em busca da paz. Nossa instituição e muitas sociedades recuperaram seu poder de fala, reposicionando-se a partir da existência do OP, quando passamos a olhar através das janelas de nossos consultórios, ocupando espaços públicos por meio da escuta atenta e da palavra, nosso ofício, contra todas as ações antidemocráticas.

Realizei uma pesquisa qualitativa, em meu doutorado, junto às colegas que participam ativamente do OP. Perguntei a elas “Para que serve o OP?”. A grupalidade produzida foi um dos aspectos positivos apontado pela maioria. Antes do OP, a nossa convivência ficava limitada às nossas sociedades de origem. O OP expandiu o diálogo, a conversa interinstitucional. No grupo de e-mails do OP participam hoje mais de 630 pessoas, e começamos com um grupo pequeno, acho que em torno de 30.^[26] Hoje comentamos os ensaios publicados, o que se passa em nosso país que pede pensamentos para elaboração do sofrimento produzido na vida coletiva. A Eliane Mello,^[27] da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, comentou certa vez no grupo que “o OP é um congresso permanente”. Eu acho essa ideia linda, porque é justamente isso. Estamos o tempo todo trocando nossas percepções, sensações, manifestando nossas ideias, conversando entre nós e assim fazendo a psicanálise trabalhar.

Outro aspecto comentado na pesquisa foi o “fortalecimento da Febrapsi enquanto instituição e a democratização do trabalho da gestão”. Os colegas

25. Disponível em <https://bit.ly/3LQbVhi>

26. A participação no grupo de e-mails é espontânea. Para fazer parte dele, basta enviar a solicitação para o endereço op.febrapsi@gmail.com

27. Maria Eliana de Rezende Barbosa Mello.

começaram a comentar, a participar de assuntos relacionados à nossa vida institucional, sobre os quais até então permanecíamos calados, deixando a cargo da diretoria eleita do biênio e da Assembleia de Presidentes toda responsabilidade em relação ao futuro institucional. Hoje, via OP, as opiniões, os argumentos, sobre os incômodos públicos têm espaço para serem acolhidos. Desse grupo pode participar qualquer colega interessado na articulação da psicanálise com outros campos do saber, com assuntos relacionados à nossa vida coletiva. Ou seja, democratizamos as nossas relações funcionais, que até então segregavam colegas segundo sua localização na estrutura. Todos participam, escrevem, diferentemente da minha época, quando comecei minha formação. Hoje quem começa uma formação nas nossas instituições já está participando, escrevendo. É outro mundo. Temos que reconhecer que as sociedades, não só a Febrapsi, foram afetadas pelo *Observatório*.

Também, segundo minha pesquisa, o OP como “espaço de formação” foi mencionado. Colegas disseram que faltavam em nossa formação um olhar e estudos sobre os acontecimentos de nossa época. Houve sugestão de que esses textos fossem debatidos em nossos seminários, além dos textos que lemos, isto é, os textos obrigatórios. Os entrevistados entendem o OP como um espaço formativo. Isso mostra quanto é importante saber o que os colegas pensam, por meio de seus ensaios, comentários e falas no *Mirante*. Esse conteúdo – a articulação da psicanálise com a arte e a cultura, com a política e com o social – capacita os colegas a pensar. Todos nos transformamos com a criação desse dispositivo, elaborando as nossas dores por meio da escrita e do diálogo com outros campos do conhecimento pelo *Mirante*. Os temas são variados: a política, a situação das minorias, das mulheres, dos negros, dos homossexuais e transsexuais que continuam sendo maltratados e violentados tanto na vida doméstica quanto na vida pública... Em nosso país cresce o feminicídio, o racismo, a homofobia, os abusos contra as crianças etc.

Tudo isso representa o que pensam os psicanalistas sobre a nossa época; afinal de contas, somos psicanalistas da nossa época quando temos em pauta uma nova ciência, uma proposta epistemológica que não busca a universalização na produção de subjetividades – ao contrário, como aprendemos com a filósofa Donna Haraway, os saberes são situados, e precisamos dar voz às perspectivas parciais. Enfim, nós não somos psicanalistas de 150 anos atrás, nem de 60 anos atrás. Os pacientes que aparecem na minha clínica falam como se sentem afetados com a questão da emergência climática, a situação do Rio Grande do Sul, com a qual todos ficamos muito assustados. Falam da ecoansiedade, pois estão com medo e em dúvida se os filhos e netos irão sobreviver com a situação de nosso planeta. Assuntos da vida pública atravessam a vida pessoal e são motivo de conversas do analista com seus pacientes. Claro, conversas no sentido do que dizia Hanna Segal, daquele lugar do analista que não é neutro, porque ele também está sendo afetado por tudo isso a partir da escuta desse sofrimento que vem de fora.

Ana Cláudia (SBPRP): Nós estávamos conversando sobre a articulação com a literatura da Annie Ernaux, que traz justamente isso que vocês falam no ensaio sobre os 500 ensaios em relação à questão da sociobiografia, em que a individualidade da autobiografia está intimamente entrelaçada com o contexto sociocultural e não há cisão. Isso tem muito a ver com a vocação do OP, essa forma da escrita dela.

Beth Mori: Isso é tão clínico, assim como a pergunta da Silvana. Vamos pensar, por exemplo, no excelente psicanalista, pensador e filósofo Jean Laplanche. Segundo ele, nós não nascemos portadores de algo. Nós nos constituímos na relação com o outro. Esse outro adulto, com a sua sexualidade infantil, polimorfa, perversa, com tudo isso que ele não conhece sobre si, acolhe o seu bebê, e desses encontros se produzirá uma nova subjetividade. O próprio Freud – e ele é genial nisso – nos mostra isso em suas notas de rodapé; ele segue pensando e repensando sua própria teoria. Ele termina sua obra dando uma importância enorme à pulsão de vida e à pulsão de morte. Sim, ele vai falar de amor e de ódio. No fim ele está falando disso, da nossa relação com o outro.

Psicanálise é isso. Não é um mundo interno na sua mente isolada, não é platônico, não cai do céu, não é uma essência, nós não temos uma essência. Desse ponto de vista, do ponto de vista filosófico, eu sou muito mais próxima do pensamento de filósofos que pensaram o sujeito da experiência. Todos nós, desde que nascemos, nos constituímos a partir da experiência com os adultos-singulares que também foram bebê um dia. Somos atravessados pelas intervenções de nossos professores, avós, tios etc. Então todos nós tivemos a nossa história. Assim, isolar o psiquismo, como a Ana acabou de dizer, da sociedade, da cultura e da época em que vivemos não é psicanálise. Como comentei antes, Freud trouxe o corpo para o pensamento ocidental. Eu já escutei colegas dizendo que nunca leram *O mal-estar na cultura*, que nunca leram *O futuro de uma ilusão*. Eu fico impressionada, mas é verdade. Aliás, conta-se que isso é responsabilidade do Ernest Jones, quando a psicanálise precisou ser “ajustada” ao entrar na Inglaterra, devido à perseguição que Freud sofria com a Segunda Guerra Mundial. Falo isso para dizer o seguinte: hoje pensar a psicanálise e fazê-la trabalhar é incluir a nossa psicanálise brasileira e a psicanálise latino-americana naquilo que faz sentido em nosso saber regional. Eu gosto de enfatizar isto: marca minha formação, que nunca se completa, a leitura dos nossos colegas também latino-americanos, o Mariano Horenstein, de Córdoba, o Jorge Bruce, do Peru, o Marcelo Viñar e a Laura Veríssimo, do Uruguai, e inúmeros outros colegas também brasileiros que eu poderia citar aqui e que estão produzindo, a partir do que entendemos ser psicanálise, um pensamento próprio com base em sua clínica, sua vivência, que é situada na socio-política e cultura local.

Ana Cláudia (SBPRP): Seguindo nisso que você está falando, uma outra dimensão que também percebemos nas dinâmicas dos trabalhos, dentro do contexto contemporâneo, é que sentimos uma preocupação em abordar todos os vértices,

ou pelo menos mais de um vértice, num espaço que é de troca da comunidade com outras áreas, em que a psicanálise não é a detentora do saber, da verdade, da verdade como arrogância, como se nos relacionássemos com outras áreas como alguém que vai levar a luz. Não, é de fato um espaço de troca, de investigação, de observação. E vemos que isso vai fertilizando os encontros, vai trazendo possibilidades de movimentos na troca com outras áreas, nesse sentido até mais simétricas em relação às trocas e aos diálogos que temos.

Um tema muito presente, sobre o qual você até já começou a falar, é a sexualidade e a feminilidade. Você recentemente participou do pré-congresso sobre esse tema e tem interesse nessa área. O que você percebe, observa, pensa, em especial quanto à questão da sexualidade e da feminilidade, com a experiência do OP e com tudo que você troca com essas outras áreas também?

Beth Mori: Sobre essa relação da psicanálise com outras áreas, e ainda pensando na questão que você havia levantado antes sobre a escritora Annie Ernaux, a literatura sempre fez parte desse rol de conhecimentos dos quais bebemos na fonte. Aliás, o próprio Freud teve forte relação com a literatura. Isso me lembra a obra *Os dez amigos de Freud*, de Sérgio Paulo Rouanet, publicada em dois volumes. Os dez amigos de Freud eram da literatura, escritores lidos por ele; Freud bebeu dessa fonte literária, da cultura de sua época, para pensar a psicanálise. O Sérgio foi um grande pensador brasileiro, um cientista social, também diplomata, e foi casado com a socióloga de Frankfurt, Barbara Freitag. Conheci ambos na UnB – fui aluna do Sérgio Paulo Rouanet no mestrado em uma disciplina com alunos da psicanálise e da ciência social. Ele é autor do livro *Teorias críticas*, no qual ele pensa os pós-freudianos e os pós-marxistas a partir da leitura de Freud e Marx.

Agora, partindo para a sua pergunta sobre a sexualidade, não é possível hoje pensar o sexual, a psicosexualidade, sem escutar o que vivemos. Penso que se Freud estivesse entre nós hoje escreveria novas notas de rodapé, principalmente em seu terceiro ensaio sobre a teoria da sexualidade, de 1905 – afinal, ali ele fala da época em que vivemos. Freud era um pensador da sua cultura. Ele, depois de pensar tanto sobre a menina, a mulher, a feminilidade, deixa a pergunta “o que é uma mulher?”. Sua época e o patriarcado marcam a epistemologia da diferença entre dois sexos, sendo um deles, o masculino, a base para pensar o outro, o feminino.

Lembrando: antes de Freud, como a sexualidade era pensada? O sexo era único, o masculino, sendo o feminino o sexo invertido, defeituoso. A partir dos séculos XVIII e XIX, o pensamento binário se estabelece. A primeira onda dos movimentos feministas foi fundamental ao reivindicar os mesmos direitos para os dois sexos, ou seja, a igualdade das mulheres perante os homens. Ainda eram lutas iniciais quando as mulheres estavam lutando para ter os direitos mais básicos iguais aos dos homens, como o direito ao voto. A grande conquista dessa primeira onda do movimento feminista foi as sufragistas conseguirem que as mulheres pudessem votar. Já nas décadas

de 1960-1970, as revoltas antiautoritárias, como o Maio de 68, localizam a segunda onda desses movimentos, quando as mulheres passam a reivindicar maior liberdade, maior direito à expressão.

A diferença entre as duas primeiras ondas do movimento feminista está no enfoque entre igualdade e diferença. Os direitos sociais, políticos, de cidadania, educação, trabalho, os direitos mais básicos eram foco da primeira onda, que lutava pela igualdade. Já a segunda onda é nomeada de feminismo de diferença, quando começa a focar em questões mais específicas da mulher, mais ligadas ao corpo, à liberdade sexual. Não se vai mais falar em igualdade, mas em diferença, naquilo que é específico da mulher – as nossas dores, o sistema reprodutivo, a pílula anticoncepcional, a questão do aborto, ou seja, de a maternidade não ser um destino para as mulheres.

Freud não se propunha a ser um sexólogo. Ele estava pensando a psicosexualidade – como o psiquismo se estrutura – para desenvolver uma teoria a partir do que escutava, de tudo aquilo que se manifestava na cultura vienense de sua época. Cissi, a imperatriz, esposa do imperador da Áustria, Francisco José I, representava bem a mulher sofrida desse período, ao mandar para o corpo todo o sofrimento de uma sexualidade reprimida. Freud, nessa época, está falando em dicotomia dos dois sexos, e elabora o complexo de Édipo, o complexo de Castração baseado nessa perspectiva dicotômica. Esse é um recorte desse tempo para se pensar a sexualidade. Freud escolhe o mito de Édipo – especificamente o da tragédia de Sófocles – para poder compreender a sexualidade da sua época, a forma como o menino e a menina se identificam com a figura dos pais. Mas lembrem-se que Freud, nos dois primeiros dos três ensaios, traz a ideia da sexualidade polimorfa e perversa, que é muito atual. Ele dizia que o prazer se dá em todo o corpo e com diferentes objetos. Freud poderia ter falado, por isso, de uma transexualidade. Ele falou em binarismo porque só havia dois sexos no pensamento de sua época. Claro que acabamos colaborando para a patologização de todos aqueles que não se “enquadravam” nesses dois sexos, como o intersexo e tudo mais da diversidade sexual relacionada ao polimorfo e perverso. De lá para cá, porém, muito se transformou.

Mais recentemente, mais para o final do século, temos filósofos como Judith Butler e Paul B. Preciado que seguem o pensamento sobre a diferença trazido por Deleuze e Derrida, para o qual o originário, o início, é a diferença, e não um padrão em dois tipos igual para todos. Butler, em *Problemas de gênero*, dialoga com a psicanálise.

Penso que, se Freud estivesse entre nós hoje, estaria pensando a sexualidade com todas as possibilidades de diferença que temos em nossa cultura, que também seria a dele. Os corpos são muitos, não existe só o corpo do homem e da mulher – nós temos os intergêneros, pessoas que nascem com corpos que podem ter algo da ordem do masculino e algo da ordem do feminino. Butler diz que “nós não nascemos, nos tornamos” – não somente as mulheres, como disse Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, “nós não nascemos mulheres, nos tornamos mulheres”. Butler propõe uma outra formulação dessa ideia ao tirar a palavra “mulher”. Penso que isso é muito psicanalítico:

nós não nascemos, nos tornamos na relação com o outro. A transexualidade é uma variação do corpo, com muitas possibilidades de existência. Por que não?

Os filósofos da cosmopolítica^[28] nos perguntam: será que ainda podemos falar em uma divisão estrita entre o que é humano e o que é natureza?

Eu não sei se respondi sua questão, mas penso que basta olhar para as nossas clínicas – estamos ouvindo adolescentes, adultos e até as crianças que apresentam demandas ligadas ao prazer e desprazer, de como se sentem mal com uma cultura que padroniza os modos de subjetivação.

Eu acho que a psicanálise nunca foi tão importante para dialogar com outros campos do saber, e daí a importância do *Mirante* quando convidamos profissionais de outros campos do saber para fazer a psicanálise trabalhar. É isso que queremos; como dizia Freud, esse é o trabalho do sonho, o trabalho da sublimação. Nós temos que fazer a psicanálise trabalhar, e fazemos isso conversando com outras pessoas de outros campos do conhecimento, artistas, filósofos, antropólogos, profissionais de especialidades que também estão pensando a nossa época, nada diferente daquilo que nós estamos vivendo e ouvindo no nosso consultório. Temos que aprender muito com eles e pensar nas nossas clínicas com as nossas referências teóricas, com seus conceitos forjados pelas muitas psicanálises, vendo com qual delas se pode dialogar com o sexual contemporâneo, às vezes mais outras vezes menos. É preciso continuar ampliando nosso pensamento psicanalítico, a exemplo de Freud.

Alessandra Stocche (SBPRP): Primeiramente, gostaria de dizer que é com muito prazer que estou aqui com a Ana e com a Silvana. Sou Alessandra Stocche, membro associado e coeditora da *Berggasse 19*. Vou aproveitar o assunto em que você entrou para trazer uma pergunta que vem lá do *Mirante*, esse podcast tão atual. No episódio “As cidades no tempo da dor das mudanças climáticas catastróficas”,^[29] que a Ana, a Silvana e eu tivemos a oportunidade de ouvir há pouco, há um biólogo e uma psicanalista discutindo o tema. O biólogo voltado para a dimensão ambiental e a negligência da gestão governamental, que poderia ter evitado a catástrofe, e a psicanalista, também bióloga, expandindo a análise para a questão emocional e a busca de saídas, elegendo companhias para acolher as dores. Em outros termos, diante da tragédia, causada pela cegueira e pela arrogância – já que havia uma tragédia anunciada e nada de consistente foi feito –, a psicanálise trabalha com lições para viver os fatos em busca de transformações. Você poderia comentar e expandir para nós esse tema da arrogância, tema desta edição da revista *Berggasse 19*?

28. Termo da filósofa Isabelle Stengers, pensadora da história da ciência, que busca tratar de uma nova abordagem de pensamento que explora a interação entre diferentes sistemas de conhecimento, culturas e modos de vida no contexto global.

29. Disponível em <https://bit.ly/4doK17N>

Beth Mori: Nesse episódio do *Mirante*, conversamos com a psicanalista, ambientalista e bióloga Malu^[30] e com o também ambientalista e biólogo Paulo Brack. E, em seguida, no episódio “Eros, o saber e a política”,^[31] dialogamos com Miguel Calmon^[32] e com a matemática, cientista e professora da UFRJ^[33] Tatiana Roque, autora do livro *O dia em que voltamos de Marte*, finalista do Jabuti em 2022, para pensarmos justamente sobre nossa arrogância diante da emergência climática, sobre as atitudes de negação ou de recusa com o que se passa com o clima (calor ou frio demais, chuva intensa ou seca, como nunca antes vividos), devido aos interesses econômicos e políticos ligados ao enriquecimento de alguns e ao empobrecimento da maioria. Como acontece com o crescimento da extrema direita: não se trata de desconhecimento, falta de informações, mas recusa ou negação dos fatos, dos acontecimentos como esse que ocorreu no Rio Grande do Sul, pelo prazer de alguns à revelia do desprazer de outros. Tivemos também um episódio anterior no *Mirante* com a Malu, já a respeito do tema da relação entre homem e natureza...^[34]

Ana Cláudia (SBPRP): Que foi com a Nurit Bensusan, não é?

Beth Mori: Exatamente. Vocês a convidaram para um evento da sua sociedade também, não foi?

Ana Cláudia (SBPRP): Na Bienal de Psicanálise e Cultura do ano passado, fizemos uma mesa com as duas (Malu e Nurit) a partir da inspiração que esse episódio do podcast nos trouxe.

Beth Mori: Vejam que interessante. Olhem só o OP disparando ações nas nossas sociedades, como ocorreu com essa bienal após a conversa de Malu com a Nurit no OP (sobre esse distanciamento entre natureza e cultura, pautado pelo pensamento dicotômico, numa visão de que teríamos que vencer a natureza diante das tragédias provocadas por ela, em vez de entendermos a relação entre elas). Pudemos inspirar sua Sociedade a convidá-las para a Bienal e ampliar e divulgar tais ideias. Isso ilustra aquilo que eu dizia sobre o quanto estamos de fato afetando as sociedades de psicanálise e sendo afetadas pelo que elas produzem. É uma troca mesmo.

Agora, voltando às ideias de Tatiana Roque, para ela enquanto cientista, a negação tem um propósito e, sendo assim, não adianta o cientista avisar. Desde a ECO-92 se fala da importância de olharmos para o clima, mas as negações continuaram, muito por conta da política, dos interesses políticos e financeiros. Quem são nossos políticos,

30. Maria Luíza de Araújo Gastal, membro associado da SPBsb.

31. Disponível em <https://bit.ly/3ydkT5b>

32. Membro efetivo da SBPRJ.

33. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

34. “Natureza e cultura”, disponível em <https://bit.ly/4ccjN7F>

quem são as pessoas em que votamos, quem são esses nossos representantes? Eles representam os interesses do capitalismo e por isso seguirão negando a realidade. Tatiana comenta os alertas dos cientistas ao mundo, de que estamos esgotando os recursos com a tecnologia e, mesmo com a redução ou mudança nas formas de consumir energia, mesmo que criemos novas energias, que são fundamentais, a produção de energia por meio do petróleo ainda continua altíssima. Seguimos consumindo muita energia e, nesse ritmo, consumindo sem parar, nós vamos esgotar nossas possibilidades. Quando se imaginou que o que aconteceu com o Rio Grande do Sul ocorreria?

O Miguel traz uma questão com a qual eu concordo muito. Ele lembra de um texto do Freud de que eu gosto muito, o “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, sobre prazer e desprazer. Para obter prazer, as pessoas fazem de tudo e vão continuar fazendo. Elas não vão desistir de fazer, mesmo com todos os “nãos” que a nossa vida e que o clima estão nos mostrando. Esse é o ser humano, com sua enorme dificuldade em aceitar o limite, aceitar que não podemos tudo. Eu penso que a arrogância está nesse aspecto. Freud também tem um texto importante sobre esse fenômeno da negação – “O fetichismo”, de 1927. Ao negarmos a realidade, os fatos da realidade, entramos naquele mecanismo de paranoia, de projeção, de perseguição. É um movimento psicótico. Temos que olhar para o que está acontecendo no grande grupo, na grande sociedade, brasileira e mundial, para a negação dos fatos das emergências climáticas como algo da ordem da psicose. A Hanna Segal também aborda esse ponto.

Ana Cláudia (SBPRP): Eu vou aproveitar e trazer a fala dela justamente de onde queríamos pegar. No livro *Psicanálise, literatura e guerra*, ela propõe uma reflexão exatamente sobre o que você estava falando, nos seguintes termos: há uma tendência de reagir diante de fenômenos trágicos com apatia e autodecepção. Segundo ela, o silêncio é o verdadeiro crime contra a humanidade, e ela propõe a seguinte reflexão: qual papel podemos desempenhar enquanto psicanalistas nesse drama trágico? Acredito que, em primeiro lugar, devemos olhar para dentro de nós, e não ficar cegos para a realidade.

Beth Mori: Eu acho que nós da psicanálise, da Febrapsi, com o OP e com o *Mirante*, respondemos a essa convocação da Hanna Segal. Nós estamos apresentando uma resposta para ela ao oferecer formas de agenciamento para juntos pensarmos nossa época. Enquanto instituição, estamos fazendo uma intervenção na psicanálise brasileira, intervindo positivamente nela, seja nas questões climáticas, como vocês lembraram, seja no lugar da mulher, da sexualidade, na política... Uma intervenção nessa ideia de “neutralidade” em relação ao mundo. Não é a abstinência que precisamos ter em nossos consultórios, em relação às nossas opiniões pessoais. O que a Hanna Segal está dizendo é que, sim, nós temos o nosso trabalho, estamos ali atentos à escuta de nossos pacientes, deles no mundo, e pela transferência podemos imaginar, sonhar

juntos com eles as suas e nossas novas possibilidades de existência coletiva, não restringindo nossas interpretações apenas às suas questões individuais. Não somos indivíduos. Somos subjetividades. E seguimos na produção de novas subjetividades.

Aliás, as imagens de falta de ar e falta de água apareceram na minha clínica, associações dessas metáforas para tentar dar conta de seus sentimentos diante dessas negações em relação ao clima. Imagens de enchentes tomando conta de nossas casas – medo de muitos, exatamente nesse tempo dos acontecimentos ocorridos do Rio Grande do Sul.

No OP, em maio, publicamos 12 ensaios sobre o tema, e mais recentemente um editorial. Pedimos aos colegas que priorizassem esse assunto, que olhassem para o Rio Grande do Sul, e chegaram esses textos. Colegas do Rio Grande do Sul e também de outras cidades brasileiras participaram dessas escritas, elaborando esse acontecimento. Tivemos a Carolina Scoz,^[35] de Campinas, a Silvana Rodrigues de Barros,^[36] de Fortaleza, a Selma T. O. Fernandes Jorge,^[37] de São Paulo... O que nós estamos dizendo com isso? Nós estamos dizendo que a nossa clínica está sendo invadida por essa “enchente” de pensamentos, e que nós humanos, nós psicanalistas, precisamos elaborar o que sentimos, algo que fazemos no *Mirante*, no diálogo, numa elaboração de psicanalistas sobre como estão sendo afetados, sobre aquilo que escutam, como Freud fazia, dos pacientes, da cultura de nossa época.

O psicanalista dizer o que pensa é o caminho que a Hanna Segal está propondo para que também sejamos vozes pensantes na nossa sociedade. Pois, como diz a Tatiana, a política está aí com esse Congresso brasileiro difícilimo que estamos vendo. Um Congresso que representa os interesses do agronegócio, entre outros que “dão o tom” e “atacam” o meio ambiente. E nós da psicanálise precisamos colaborar para que Eros predomine. Porque ódio é isto: nós aprendemos a odiar e, dependendo de quem cuidou de nós, de quem nos atravessou, podemos até odiar mais e amar menos. Mas a aposta sempre foi em Eros, e acho que essa sempre é a aposta do *Observatório*, dos colegas todos da Febrapsi e do *Mirante*.

Alessandra Stocche (SBPRP): Eu gostaria de pensar um pouco a respeito disso, porque acho que o que nos surpreende – nos encanta, na verdade – é que o *Observatório* realmente traz esse pensamento enquanto as coisas estão acontecendo. Então as reflexões vêm. E talvez baseado no funcionamento do OP, a imagem que nos veio sobre o trabalho de vocês foi a figura de linguagem da metonímia, porque os textos escritos e os episódios do podcast revelam a parte pelo todo, a síntese de um mundo em expansão, movente, movimento, análise, síntese e expressão afetiva científica, praticamente uma performance artística pela potência e pelo alcance. Faz sentido para você?

35. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas.

36. Membro da SPFOR.

37. Membro da SBPSP.

Beth Mori: Penso que a combinação das partes é maior que o todo, ou seja, tem algo que escapa à soma das partes – daí a importância de não universalizar a vida. Também tem a ver com isso a ideia de Donna Haraway ao propor uma visão de mundos compostos de redes complexas e relações interdependentes, onde a combinação das partes cria algo maior e mais dinâmico do que a simples soma das partes. Suas ideias incentivam a ver as conexões e as interações entre diferentes elementos como fundamentais para entender a realidade. O nome do editorial é “Sódepois”.^[38] Claro, nós usamos a tradução da palavra em alemão, que é a ideia mais conhecida como *après-coup*. Esses são os movimentos ocorridos no OP durante o mês encerrado. Escrevi com meu companheiro um artigo para a SPPA,^[39] em um volume sobre a pandemia, quando pensamos a escrita como elaboração dos acontecimentos e o editorial como o momento de elaboração da equipe de curadoria, um dos tempos do OP.^[40]

E o *Observatório* tem vários tempos, vários momentos, como você explicou, dessa transformação permanente. Então o acontecimento surge, e chamamos isso de tempo zero. No tempo um se escreve, o colega elabora, pensa e redige um ensaio. Não pedimos artigo científico. A pessoa ensaia algumas questões a partir daquilo que a afetou. Os demais colegas lerão esse ensaio e comentarão – o segundo tempo. Nós curadoras então elaboramos nossos pensamentos na escrita do editorial, num terceiro tempo. No ensaio de número 500, escrevemos sobre esse processo do *Observatório*, que parte de acontecimentos.

O Derrida foi o filósofo que mais leu Freud, já em 1968, 1969 e 1970, e mesmo em 2000; foi também quem mais dialogou com o tema da escritura, ao fazer uma análise profunda do texto freudiano “Uma nota sobre o ‘bloco mágico’” para desenvolver suas ideias sobre a escrita, a memória e a estrutura do inconsciente. Há uma entrevista do Derrida para a jornalista Giovanna Borradini no livro *Filosofia em tempo de terror*, ocorrida 15 dias após o “acontecimento” do 11 de Setembro. Nessa conversa, ele aborda o conceito de “acontecimento” como algo não totalmente previsto ou controlado, destacando a sua singularidade e sua capacidade de interromper a ordem habitual das coisas, algo que escapa à antecipação completa e desafia as expectativas. Para Derrida, a desconstrução está ligada à ideia do acontecimento. O acontecimento

38. “Sódepois” faz referência a uma expressão de Freud, *Nachträglichkeit*, na verdade muito mais conhecida pela expressão francesa *après-coup*, e no Brasil foi traduzida por “só depois”. Conforme o *Dicionário de psicanálise* de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, ed. Zahar) no vocábulo “a posteriori”, a palavra foi “introduzida por Sigmund Freud, em 1896, para designar um processo de reorganização ou reinscrição pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas num a posteriori, isto é, num contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere uma nova significação” (p. 32). No OP, o editorial é escrito ao final, após a discussão dos temas pelos autores e entre os colegas do grupo, sinalizando a ideia do editorial escrito só depois dos outros textos.

39. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

40. Mori, M. E., & Gui, R. T. (2021). A escrita psicanalítica na pandemia do Coronavírus: tempos de elaboração no Observatório Psicanalítico Febrapsi. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(3), 693-716. <https://bit.ly/3S51R7s>

possibilita uma abertura para pensar o novo. Segundo ele, para ser responsável é necessário estar aberto ao acontecimento, ao imprevisto e ao outro. Isso significa reconhecer nossa finitude, vulnerabilidade e a possibilidade de transformação. Toda essa discussão do acontecimento foi o tema do ensaio número 500. A curadoria faz isso em nosso terceiro momento de elaboração.

A programação do *Mirante* e do OP, que é o trabalho da curadoria, depende dos acontecimentos que nos atravessam. No momento estamos na 4ª temporada do podcast, “O sexual na pólis”. Nessa estamos conversando sobre o sexual em suas múltiplas formas: oral, anal, fálico, genital, de ver, de conhecer, como estamos vivendo essas possibilidades e quais autores nos ajudam a pensá-las – do sexual, psicosssexual freudiano, para outros autores também importantes da psicanálise que nos ajudam a pensar os acontecimentos atuais.

O quarto momento de elaboração é o de quem está lendo, que não atinge somente os psicanalistas, pois publicamos os ensaios em nosso site, no Instagram, no Facebook. Trabalhamos dentro das redes sociais, pois é nesses espaços que as pessoas circulam hoje. O Instagram está vinculado ao site para as pessoas conhecerem a Febrapsi, para que vejam o que o *Observatório* faz, situando a instituição na cultura atual de rede. Tudo está em transformação, e nós, como psicanalistas, precisamos estar atentos, não apenas ao que ocorre nos nossos consultórios, mas também ao que está acontecendo nos locais onde a nossa instituição, a nossa psicanálise está inserida. Tatiana Roque na conversa com Miguel Calmon disse “a psicanálise nos ajuda a pensar”, ou seja, colabora com os pensamentos de outros.

No episódio do *Mirante* gravado recentemente, “A poética das cidades”,^[41] trouxemos um colega psicanalista de São Paulo, Ricardo Trinca, para discutir as formas de expressão dos transeuntes das cidades com Cauê Maia, um artista que está fazendo pós-doutorado na USP.^[42] Cauê veio da ciência política, depois foi para o mestrado em artes plásticas aqui em Brasília, em seguida para o doutorado em artes na USP e está fazendo um pós-doutorado em planejamento urbano e arquitetura. Vejam que caminho interessante. Ele participa de um coletivo com outras artistas chamado Transverso.^[43] Eles fazem intervenções na cidade com frases poéticas. Eu estava passeando, entrando em uma rua em Brasília, e vi uma frase assim: “Brasília goza em silêncio”. O que é isso? Uma metáfora? O que é isso que ele está dizendo de Brasília? É verdade: Brasília é uma cidade que tem a coisa do silêncio, do barulho dos bares do qual a população está sempre se queixando. Ao mesmo tempo tem a política. Quanta coisa acontece em silêncio, “na calada da noite”, como dizia o político antigo, o que sabemos e o que desconhecemos. Como a arte desse coletivo, o *Mirante* procura intervir na cidade.

Quando convidamos um colega para conversar com uma pessoa de outro campo, tanto a psicanálise ganha com a entrada desse outro vértice como esses

41. Disponível em <https://bit.ly/3WMz9el>

42. Universidade de São Paulo.

43. O Coletivo Transverso pode ser encontrado no Instagram em <https://bit.ly/3VVHDyg>

outros vértices ganham vendo o que a psicanálise pensa. O diálogo tem sido frutífero. Para nós está sendo um aprendizado pensar nesse podcast.

Eu particularmente gosto de ouvir podcasts. E o que queremos com o *Mirante* é colocar a psicanálise para dialogar com outros campos do saber da nossa época. E penso que nesse sentido estamos caminhando bem. É um prazer conceber os programas, gostamos de realizá-los e sempre recebemos mensagens de um ou outro colega dizendo que gostou. Fiquei feliz em saber que nosso ensaio número 500 virou uma questão para vocês, e por isso até estamos conversando. De fato, já publicamos muitos textos nesses sete anos do OP.

Vou citar novamente o Mariano Horenstein, de Córdoba, de quem gosto muito, que foi por muitos anos editor da *Calibán*,^[44] e a nossa querida Marina Massi, que é diretora científica da Fepal e também foi editora da *Revista Brasileira de Psicanálise* por muitos anos. Uma vez eu os escutei numa *live*, creio que na Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul. Os dois foram entrevistados porque estavam querendo voltar a publicar a revista da Sociedade, pois anteriormente ela não tinha dado certo. Tanto o Mariano quanto a Marina disseram que é difícil uma revista se sustentar. Não é fácil. Eles comentaram que muitas revistas não ultrapassam os dois anos de existência e que são raras as que sobrevivem quatro anos. Ouvi isso quando o OP estava com cinco anos, e com certeza foi uma alegria saber que nosso trabalho encontra recepção em nossos leitores e ouvintes – o quinto tempo. Penso que nós chegamos a esse número de publicações pelo fato de muitos psicanalistas como vocês se interessarem pela articulação da psicanálise com a cultura, a política, o social, nossa vida grupal. Enfim, reafirmo que a criação do OP foi “um pensamento em busca de um pensador”, devido a sua recepção.

Silvana Andrade (SBPRP): Por meio do OP e do *Mirante* vocês estão fazendo a psicanálise acontecer como uma obra aberta, não é?

Beth Mori: Que bonito! É bem isso mesmo, é uma obra aberta. E temos Freud como referência, um exemplo para seguirmos. Todos estamos situados e limitados à própria época, e a tarefa de todo psicanalista é manter a psicanálise trabalhando.

Ana Cláudia (SBPRP): É muito interessante, porque o OP traz uma questão de revitalização num momento muito duro socialmente e, claro, para o psicanalista também parece que se revitaliza, todo mundo tem vontade de falar, de conversar, de debater.

Toda esta conversa muito boa é o “Conversando com Beth Mori”. É um privilégio te ouvir, ter conhecido o *Observatório* e ainda comemorar os 500 ensaios dele junto com você. Nós confirmamos que são discursos recorrentes o fato de que os fenômenos sociopolíticos são da ordem do humano, portanto legítimos

44. A revista *Calibán* é a publicação oficial da Fepal.

também para as nossas reflexões como psicanalistas. O OP e o *Mirante* são modelos de expansão, matrizes para todos nós. Nós da revista *Bergasse 19*, da SBPRP, queremos parabenizar esse trabalho tão consistente e fundamental vencendo o silêncio pela voz.

Muito obrigada a você pessoalmente por ter nos recebido e pelo seu trabalho no OP junto com a equipe toda. Estendo os parabéns para todo o grupo, inclusive a Cíntia, que merece esse crédito como fundadora.

Beth Mori: Com certeza. Inclusive a Cíntia está sempre dialogando comigo, somos amigas. Quando nós lançamos o ensaio de número 500, ela me mandou uma mensagem: “Esse OP só me emociona”. É isso. O OP nos emociona – tanto a quem começou lá (ela, o Frauzino e eu) como às colegas que foram participando da equipe da editoria e da curadoria, mulheres sabidas, capazes na psicanálise, estudiosas e muito afetivas. Por isso o grupo se fortalece sempre.

Eu quero agradecer por este espaço que vocês me ofereceram para podermos conversar sobre o OP. Acho que temos que comemorar, sim, porque é um feito de todos nós. Se não existissem os colegas da Febrapsi para escrever os textos, para se colocar disponíveis para o *Mirante*, nada disso teria acontecido. Como disseram o Mariano Horenstein e a Marina Massi, é difícil fazer um dispositivo escrito e falado, em qualquer forma que seja, produzir tanto. Não é simples. É difícil, e acho que está produzindo tanto exatamente porque os colegas querem, porque eles se interessam pelo nosso trabalho, que é de todos.

Como eu disse antes, a pesquisa realizada traz boas informações sobre esse processo. Eu enviei até um artigo para a *Revista Brasileira de Psicanálise*, mas ainda não recebi a resposta, tomara que seja aceito. Eu quis mandar para lá porque foi uma forma de dar uma devolutiva para as pessoas que responderam à pesquisa. Todos ganhamos com o OP. A Febrapsi passou a ser reconhecida pelos colegas. Houve até uma colega que disse que nem sabia que pertencia à Febrapsi, nem sabia o que era a instituição, para vocês verem como fizemos uma intervenção na nossa instituição com o OP.

Agradeço o espaço que a revista *Bergasse 19* deu ao OP. Vocês têm uma revista muito boa, vocês são um grupo de respeito dentro da nossa psicanálise. Para nós é uma alegria, uma indicação de que temos que continuar, de que temos que manter o OP vivo, sempre convocando os colegas, sempre trazendo todas as questões que surgem, para podermos pensá-las.

Eu tinha lido o *Psicanálise, literatura e guerra* da Hanna Segal, e agradeço a vocês por terem me lembrado dele. Eu li esse livro há muitos anos. Penso que vocês não poderiam ter escolhido uma referência melhor para pensar o que o OP faz pela psicanálise, para nós psicanalistas da Febrapsi e da Fepal. É importante dizer isso, aliás, que não são apenas os colegas da Febrapsi que participam do grupo do OP, apesar de ser uma criação da psicanálise brasileira. Hoje também contamos com a participação

de vários colegas da América Latina. E não só esses colegas: na última eleição da IPA, convidamos também o Bernard Chervet, francês, que estava concorrendo para a presidência, e o Heribert Blass, alemão, e os dois escreveram no OP para conhecermos um pouco mais o pensamento deles. Olha que intervenção importante, além de nossos representantes da América Latina. Até então votávamos para o *board* da IPA muitas vezes sem saber quem eram os concorrentes. Dessa vez, todos os candidatos escreveram ensaios que foram publicados. Então, quando nós votamos, sabíamos um pouco mais sobre eles, não votamos no escuro. É nesse sentido que queremos crescer, expandir e ampliar esse agenciamento como algo próprio de nossa psicanálise.

Foi um prazer conhecê-las.